

A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS INFORMACIONAIS PARA O ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO SOBRE VACINAS NO AMBIENTE DIGITAL

HEALTH EDUCATION IN BUILDING INFORMATION LITERACY SKILLS TO COMBAT VACCINE MISINFORMATION IN THE DIGITAL ENVIRONMENT

EDUCACIÓN SANITARIA PARA FOMENTAR LA ALFABETIZACIÓN INFORMACIONAL Y COMBATIR LA DESINFORMACIÓN SOBRE LAS VACUNAS EN EL ENTORNO DIGITAL

Maria Clara Saraiva Luz¹, Lucian Elan Teixeira de Barros², Alexandre Maslinkiewicz³, Yasmim Gonçalves Teles Santos⁴, Eliane Valéria Nascimento da Silva⁵, Jacqueline Rodrigues Di Napoli⁶, Aline Sousa da Luz⁷, Dejamy Jorge Teixeira⁸, Herica Emilia Félix de Carvalho⁹, Daniela Reis Joaquim de Freitas¹⁰

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6089

Recibido: 05/06/2026 | **Aceptado:** 26/06/2026 | **Publicación en línea:** 08/07/2026.

RESUMO

Objetiva-se analisar o papel da Educação em Saúde na construção de competências informacionais para o enfrentamento da desinformação sobre vacinas no ambiente digital, considerando a ampliação da circulação de conteúdos falsos, distorcidos ou sem respaldo científico nas redes sociais e plataformas eletrônicas. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases Biblioteca Virtual em Saúde, SciELO, PubMed/MEDLINE e Google Acadêmico, com uso de descritores em Ciências da Saúde relacionados à Educação em

¹ Graduanda em Enfermagem, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil.

E-mail: luzmariacilara@ufpi.edu.br | Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1612-3252>

² Graduando em Medicina, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba, Brasil.

E-mail: lucian.elan@estudante.ufcg.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4646-4068>

³ Especialização em Vigilância e Cuidado em Saúde no Enfrentamento da COVID-19 e outras Doenças, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: alexmaslin@ufpi.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9722-8383>

⁴ Graduada em Enfermagem, Faculdade Nova Esperança (FACENE), João Pessoa, Paraíba, Brasil.

E-mail: ytelessantos@hotmail.com

⁵ Especialista em ginecologia e obstetrícia, Faculdade dos Palmares, Palmares, Pernambuco, Brasil.

E-mail: elianevalerian@gmail.com

⁶ Especialista em Captação, Doação e Transplante de Órgãos e Tecidos, Centro Universitário Internacional (Uninter), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: jacqueline.napoli@ebserh.gov.br

⁷ Especialização em Equidade na Gestão do Trabalho e da Educação no Sistema Único de Saúde, Hospital Alemão Oswaldo Cruz (PROADI-SUS), São Paulo, Brasil. E-mail: alinneluzz17@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5022-5350>

⁸ Especialista em Educação Popular em Saúde, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.

E-mail: dejamy2310@hotmail.com

⁹ Doutora em Enfermagem Fundamental, Universidade Estadual do Maranhão, São Luiz, Maranhão, Brasil.

E-mail: herica.efc93@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5913-8886>

¹⁰ Especialista em Enfermagem, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil.

E-mail: danielarjfreitas@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5632-0332>

Saúde, alfabetização em saúde, competência em informação, desinformação, vacinas e comunicação em saúde. Foram incluídos documentos científicos e institucionais disponíveis na íntegra, em português, inglês ou espanhol, diretamente vinculados à pergunta norteadora. A análise demonstrou que a desinformação vacinal compromete a confiança pública, amplia a hesitação vacinal e exige estratégias educativas contínuas, dialógicas e intersectoriais. Verificou-se que a alfabetização digital em saúde, o letramento científico e a competência informacional fortalecem a capacidade de buscar, interpretar, avaliar e utilizar informações confiáveis sobre vacinação. Conclui-se que a Educação em Saúde constitui estratégia essencial para qualificar decisões individuais e coletivas, fortalecer o Programa Nacional de Imunizações e promover maior autonomia crítica da população no ambiente digital.

Palavras-chave: Alfabetização em Saúde. Comunicação em Saúde. Desinformação. Educação em Saúde. Vacinas.

ABSTRACT

This study aims to analyze the role of Health Education in building information literacy skills to combat vaccine-related misinformation in the digital environment, considering the widespread circulation of false, distorted, or scientifically unsupported content on social media and electronic platforms. This is an integrative literature review conducted using the Virtual Health Library (VHL), SciELO, PubMed/MEDLINE, and Google Scholar databases, employing Health Sciences descriptors related to Health Education, health literacy, information literacy, misinformation, vaccines, and health communication. Scientific and institutional documents available in full text—in Portuguese, English, or Spanish—and directly linked to the guiding question were included. The analysis demonstrated that vaccine misinformation undermines public trust, increases vaccine hesitancy, and necessitates continuous, dialogic, and intersectoral educational strategies. It was found that digital health literacy, scientific literacy, and information literacy strengthen the ability to seek, interpret, evaluate, and use reliable information regarding vaccination. The study concludes that Health Education is an essential strategy for improving the quality of individual and collective decisions, strengthening the National Immunization Program, and fostering greater critical autonomy among the population within the digital environment.

Keywords: Health Literacy. Health Communication. Misinformation. Health Education. Vaccines.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar el papel de la Educación para la Salud en la construcción de competencias informacionales para combatir la desinformación sobre vacunas en el entorno digital, considerando la creciente circulación de contenido falso, distorsionado o sin respaldo científico en redes sociales y plataformas electrónicas. Se trata de una revisión bibliográfica integradora realizada utilizando las bases de datos Biblioteca Virtual en Salud, SciELO, PubMed/MEDLINE y Google Scholar, empleando descriptores de Ciencias de la Salud relacionados con la Educación para la Salud, la alfabetización en salud, la competencia informacional, la desinformación, las vacunas y la comunicación en salud. Se incluyeron documentos científicos e institucionales disponibles en su totalidad, en portugués, inglés o español, directamente relacionados con la pregunta guía. El análisis demostró que la desinformación sobre vacunas compromete la confianza pública, aumenta la reticencia a la

vacunación y requiere estrategias educativas continuas, dialógicas e intersectoriales. Se encontró que la alfabetización digital en salud, la alfabetización científica y la competencia informacional fortalecen la capacidad de buscar, interpretar, evaluar y utilizar información confiable sobre vacunación. Se concluye que la Educación para la Salud constituye una estrategia esencial para mejorar la toma de decisiones individual y colectiva, fortalecer el Programa Nacional de Inmunización y promover una mayor autonomía crítica de la población en el entorno digital.

Palabras clave: Alfabetización en Salud. Comunicación en Salud. Desinformación. Educación para la Salud. Vacunas.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A vacinação consolidou-se como uma das mais importantes intervenções em saúde pública, contribuindo para a prevenção, o controle e a eliminação de diversas doenças imunopreveníveis. Os avanços científicos relacionados ao desenvolvimento dos imunizantes foram acompanhados pela ampliação das estratégias de vigilância epidemiológica e dos programas nacionais de imunização, tornando as vacinas componentes essenciais das políticas públicas voltadas à proteção coletiva. Paralelamente a esse processo, o acesso da população às informações sobre saúde passou por profundas transformações em decorrência da expansão das tecnologias digitais e dos meios eletrônicos de comunicação (Dib *et al.*, 2022).

A incorporação da internet ao cotidiano modificou a forma de produzir, acessar e compartilhar informações em saúde, permitindo que indivíduos buscassem conteúdos sobre prevenção, diagnóstico e tratamento em diferentes plataformas digitais. Nesse ambiente, informações produzidas por instituições científicas convivem com conteúdos publicados por usuários, organizações e grupos sociais, tornando o espaço digital um importante cenário para a comunicação em saúde. Essas mudanças passaram a despertar crescente interesse de pesquisadores dedicados ao estudo da informação em ambientes virtuais (Ashfield *et al.*, 2024).

Durante a pandemia de COVID-19, a elevada produção e circulação de conteúdos relacionados à saúde intensificou as discussões sobre a denominada infodemia, caracterizada pelo excesso de informações disponibilizadas em diferentes meios de comunicação. Esse fenômeno passou a ser estudado devido à coexistência de informações fundamentadas em evidências científicas e de conteúdos sem comprovação técnica, distribuídos simultaneamente em

plataformas digitais e redes sociais. A infodemia passou, assim, a integrar as agendas de pesquisa em saúde pública e comunicação científica (Nascimento *et al.*, 2022).

Entre os diferentes temas difundidos no ambiente digital, a vacinação figura entre aqueles que apresentam maior volume de conteúdos compartilhados. Informações relacionadas ao desenvolvimento, à segurança, à eficácia e às recomendações de uso dos imunizantes passaram a circular em páginas eletrônicas, redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas de vídeos, ampliando significativamente as possibilidades de acesso às informações sobre imunização por diferentes grupos populacionais (Garett; Young, 2021).

Nesse cenário, a Educação em Saúde é compreendida como um processo que favorece a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes voltadas à promoção da saúde e ao fortalecimento da autonomia dos indivíduos. Suas práticas incluem estratégias educativas capazes de aproximar a população de informações fundamentadas em evidências científicas, estimulando a participação ativa dos sujeitos nos processos relacionados ao cuidado em saúde e à prevenção de doenças (MacDonald; Dubé, 2020).

Associadas à Educação em Saúde, as competências informacionais correspondem ao conjunto de habilidades necessárias para identificar necessidades de informação, localizar fontes adequadas, selecionar conteúdos relevantes, avaliar sua qualidade e utilizar essas informações de forma apropriada. No campo da saúde, essas competências assumem importância crescente diante da diversidade de conteúdos disponíveis em ambientes digitais e da necessidade de utilização crítica das informações relacionadas à vacinação (Nazari *et al.*, 2023).

No contexto das tecnologias digitais, destaca-se ainda o conceito de alfabetização digital em saúde (*eHealth literacy*), definido como a capacidade de buscar, compreender, interpretar e utilizar informações provenientes de recursos eletrônicos para subsidiar decisões relacionadas à saúde. Esse conceito integra diferentes dimensões do conhecimento, incluindo alfabetização em saúde, alfabetização científica, alfabetização midiática, alfabetização informacional e competências tecnológicas, constituindo importante eixo de investigação nas pesquisas sobre comunicação em saúde (Dib *et al.*, 2022).

O desenvolvimento das competências informacionais no campo da saúde tem sido discutido como elemento complementar às ações de Educação em Saúde, sobretudo em contextos caracterizados pela ampla utilização das tecnologias digitais. Essas competências envolvem a capacidade de acessar informações, compreender seu conteúdo, avaliar sua consistência e utilizá-las de forma adequada nas situações cotidianas relacionadas à saúde. A literatura destaca que tais

habilidades integram o conjunto de conhecimentos necessários para o uso consciente das informações disponíveis em meios eletrônicos (Dib *et al.*, 2022).

A alfabetização digital em saúde demonstra-se que a capacidade de localizar, interpretar e avaliar informações provenientes da internet constitui aspecto relevante para o processo de tomada de decisão em saúde. Nesse contexto, o desenvolvimento dessas habilidades tem sido investigado em diferentes populações, considerando sua relação com a busca por informações em plataformas digitais e com a utilização de conteúdos disponibilizados em ambientes virtuais (Ashfield *et al.*, 2024).

Nota-se ainda que a identificação de notícias falsas e de conteúdos enganosos passou a integrar as competências necessárias ao uso das informações em saúde no ambiente digital. Nazari *et al.* (2023) salienta a relação entre a capacidade de identificar notícias falsas, a alfabetização digital em saúde e a aceitação da vacina contra a COVID-19, destacando esses elementos como componentes associados ao processo de tomada de decisão em saúde.

No âmbito da comunicação em saúde, diferentes estudos têm enfatizado a necessidade de fortalecer processos educativos capazes de promover o uso crítico das informações disponíveis em plataformas digitais. Nesse sentido, a Educação em Saúde e a alfabetização digital em saúde passaram a ser abordadas de forma integrada, contemplando conhecimentos relacionados à comunicação, às mídias digitais, à informação científica e à promoção da saúde, especialmente em temas de interesse coletivo, como a vacinação (MacDonald; Dubé, 2020).

A relevância desta temática fundamenta-se na ampliação das pesquisas voltadas à interface entre Educação em Saúde, competências informacionais e comunicação digital, considerando as transformações ocorridas na forma de produção, circulação e acesso às informações em saúde. A articulação desses elementos amplia as possibilidades de compreensão sobre os processos educativos relacionados ao uso das informações no ambiente digital e sua inserção nas estratégias de promoção da saúde (Nascimento *et al.*, 2022). Assim, este estudo tem como objetivo analisar o papel da Educação em Saúde na construção de competências informacionais para o enfrentamento da desinformação sobre vacinas no ambiente digital, enfatizando a importância da alfabetização digital em saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, a escolha desse método justifica-se por

permitir a organização do conhecimento disponível sobre uma questão específica, com identificação de contribuições, lacunas e possibilidades de aprofundamento para a área da saúde. A condução do estudo seguiu as seis etapas da revisão integrativa: elaboração da pergunta da revisão, busca e seleção dos estudos primários, extração dos dados, avaliação crítica, síntese dos resultados e apresentação da revisão, conforme orientação metodológica de Mendes, Silveira e Galvão (2019).

A primeira etapa consistiu na delimitação do tema e na construção da pergunta norteadora, considerando que a definição adequada da questão orienta a escolha dos descritores, das bases de dados e dos critérios de seleção dos estudos. Para isso, utilizou-se a estratégia PICO, indicada para estruturar a pergunta da revisão a partir dos elementos população/problema, intervenção ou fenômeno de interesse, comparação e desfecho, ainda que, nas revisões integrativas, nem todos os componentes precisem estar presentes de forma obrigatória.

A aplicação da estratégia PICO ocorreu da seguinte forma: P: População/problema: usuários, profissionais e contextos de saúde expostos à circulação de informações sobre vacinas no ambiente digital; I: Intervenção/fenômeno de interesse: Educação em Saúde, alfabetização digital em saúde e construção de competências informacionais; C: Comparação: não se aplica, por se tratar de revisão integrativa de caráter descritivo e analítico; O: Desfecho: fortalecimento da capacidade de localizar, compreender, avaliar e utilizar informações confiáveis sobre vacinas, contribuindo para o enfrentamento da desinformação digital. Assim, a pergunta norteadora foi: como a Educação em Saúde contribui para a construção de competências informacionais no enfrentamento da desinformação sobre vacinas no ambiente digital?

A busca dos estudos primários foi realizada nas bases Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO, PubMed/MEDLINE e Google Acadêmico, considerando sua relevância para pesquisas em saúde, educação, comunicação e vacinação. A seleção das bases foi definida a partir da pergunta norteadora, conforme recomenda a metodologia da revisão integrativa, que orienta a escolha das fontes de acordo com o problema investigado.

Os descritores foram definidos a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e de termos equivalentes em inglês, quando necessário, sendo utilizados: Educação em Saúde, Alfabetização em Saúde, Competência em Informação, Desinformação, Vacinas, Comunicação em Saúde e Tecnologia Digital. As combinações foram estruturadas com os operadores booleanos AND e OR, respeitando a lógica da estratégia PICO. Foram utilizadas combinações como: “Educação em Saúde” AND “Vacinas” AND “Desinformação”; “Alfabetização em Saúde” AND

“Tecnologia Digital” AND “Vacinas”; “Competência em Informação” AND “Comunicação em Saúde” AND “Desinformação”.

Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, publicados em português, inglês ou espanhol, que abordassem o tema, atendessem ao objetivo do estudo e respondesse a pergunta de pesquisa. Foram excluídos estudos duplicados, editoriais, cartas ao editor, resumos simples, textos sem acesso completo, publicações sem relação direta com a pergunta norteadora e materiais que não apresentavam contribuição para a compreensão do fenômeno investigado.

Após a busca, os estudos foram organizados em planilha própria, com registro de título, autoria, ano, objetivo, método, principais contribuições e relação com os elementos da estratégia PICO. A seleção ocorreu por leitura de títulos e resumos, seguida da leitura integral dos textos elegíveis. Esse cuidado metodológico buscou garantir maior transparência e rastreabilidade ao processo, uma vez que o gerenciamento das referências auxilia na identificação de duplicidades, idiomas, períodos de publicação e organização dos estudos selecionados.

Os dados extraídos dos estudos incluídos foram organizados em instrumento elaborado pelos pesquisadores, contemplando informações referentes à autoria, ano de publicação, objetivo, delineamento metodológico, principais resultados e contribuições para a temática investigada. Posteriormente, realizou-se leitura crítica e comparativa dos achados, seguida de análise descritiva e interpretativa, permitindo a integração das evidências científicas disponíveis e a construção da discussão de forma articulada entre os estudos selecionados, conforme as etapas propostas para a revisão integrativa por Mendes, Silveira e Galvão (2019).

Por tratar-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada exclusivamente com estudos publicados e disponíveis em bases de dados de acesso público, não houve envolvimento direto de seres humanos nem utilização de informações de identificação individual. Assim, em conformidade com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, este estudo está dispensado de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, por utilizar apenas dados secundários de domínio público.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram inicialmente avaliados 10 registros atrelados aos arquivos enviados, dos quais 2 foram descartados por se tratarem de versões duplicadas e por não acrescentarem conteúdo analítico ao corpus. A síntese final passou a incluir 8 documentos diretamente vinculados ao tema,

englobando artigos empíricos, revisões, um documento institucional e material técnico de âmbito internacional.

A seguir, descreve-se a caracterização dos documentos inseridos na análise, indicando autoria, ano, tipo de produção, foco principal e a contribuição de cada peça para a compreensão da educação em saúde como estratégia para desenvolver competências informacionais no combate à desinformação sobre vacinas no ambiente digital.

Tabela 1. Caracterização dos documentos incluídos na análise.

AUTOR/ANO	TIPO DE DOCUMENTO	FOCO CENTRAL	CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO
Massarani et al. (2021)	Artigo científico	Infodemia, desinformação e vacinas nas redes sociais antes e durante a COVID-19	Analisa a circulação de links sobre vacinas nas redes sociais e demonstra que o debate vacinal foi atravessado por aumento de engajamento, distorções informativas, disputas narrativas e politização da vacinação.
Frões et al. (2025)	Revisão de literatura	Fake news na vacinação e estratégias educativas	Relaciona a disseminação de notícias falsas à perda de confiança nas vacinas e destaca educação em saúde, letramento científico e letramento midiático como estratégias de enfrentamento.
Broniatowski et al. (2023)	Artigo empírico	Políticas do Facebook contra desinformação vacinal	Mostra que a remoção de conteúdos antivacina não foi suficiente para reduzir o engajamento com a desinformação, pois a arquitetura da plataforma favoreceu novas rotas de circulação.
Ministério da Saúde (2023)	Documento institucional	Trajetória dos 50 anos do Programa Nacional de Imunizações	Apresenta o PNI como política pública estruturante do SUS, responsável pela oferta gratuita de imunizantes, controle de doenças imunopreveníveis e manutenção da proteção coletiva.
Motiejunaite, Kuzmarskiene e Sukys (2025)	Estudo transversal	Literacia digital em saúde e literacia vacinal entre adolescentes	Demonstra associação entre maior literacia digital em saúde e maior literacia vacinal, reforçando a importância de habilidades para buscar, avaliar e utilizar informações on-line sobre vacinação.
Drumond (2025)	Revisão narrativa	Mídias sociais, hesitação vacinal e educação em saúde	Discute o papel ambíguo das mídias sociais, que ampliam o acesso à informação, mas também favorecem fake news, teorias conspiratórias e insegurança em relação às vacinas.
World Health Organization (2022)	Documento técnico	Desenvolvimento da literacia em saúde	Fundamenta a compreensão da literacia em saúde como prática social construída por meio do acesso, compreensão, avaliação, memorização e uso crítico das informações em saúde.
Abdekhoda e Dehnad (2025)	Revisão de escopo	Estratégias para combater infodemias em saúde pública	Identifica estratégias de enfrentamento da infodemia, incluindo educação, literacia em saúde, comunicação qualificada, uso de tecnologias, controle de conteúdo, políticas públicas e participação comunitária.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

A circulação digital de material sobre vacinação surge, nos resultados, como dimensão crucial para entender a atual crise de confiança nas imunizações. Massarani *et al.* (2021) apontam que, ao longo da pandemia, o engajamento médio associado a links sobre vacinas aumentou 8,6 vezes, indicando que o debate vacinal deixou de ser restrito e passou a ocupar posição central nas conversas públicas nas redes. Drumond (2025), por outro lado, vincula esse fenômeno à hesitação vacinal, evidenciando que plataformas como Facebook, Instagram, TikTok, WhatsApp e YouTube facilitem o acesso rápido à informação e, simultaneamente, expandam a exposição a conteúdos contraditórios. As autoras convergem na ideia de que o ambiente digital não só difunde mensagens, como também reconfigura percepções, afetos e escolhas relativas à vacinação.

A desinformação sobre vacinas vai além da produção explícita de notícias falsas, manifestando-se também em distorções, enquadramentos sensacionalistas e disputas narrativas que corroem a confiança pública. Massarani *et al.* (2021) notam que, em 2020, conteúdos distorcidos por manchetes sensacionalistas de veículos profissionais ganharam maior visibilidade, diferindo do período anterior, quando predominavam conteúdos falsos oriundos de emissores não profissionais.

Broniatowski *et al.* (2023) estendem essa análise ao revelar que, mesmo após remoções no Facebook, não houve redução proporcional no engajamento total com material antivacina. O diálogo entre os autores aponta que o problema não reside apenas em conteúdo enganoso isolado, mas na habilidade das plataformas de sustentar fluxos de circulação, visibilidade e engajamento.

Nesse contexto, a educação em saúde assume um papel mais amplo do que simplesmente transmitir orientações sobre o calendário vacinal. Fróes *et al.* (2025) posicionam as estratégias educativas no âmbito do letramento científico e midiático, defendendo intervenções contínuas em escolas, comunidades e instituições para restaurar vínculos de confiança. A *World Health Organization* (2022) aprofunda essa visão ao conceber a literacia em saúde como prática social desenvolvida em ambientes que favorecem acessar, compreender, avaliar, reter e utilizar informações em situações concretas da vida. Enquanto Fróes *et al.* (2025) focam a discussão na vacinação, a *World Health Organization* (2022) oferece um arcabouço conceitual mais amplo para explicar por que a informação só protege quando é criticamente apropriada pelas pessoas.

Construir competências informacionais para enfrentar a desinformação exige que a população saiba identificar fonte, intencionalidade, evidência, linguagem persuasiva e contexto de circulação. Motiejunaite, Kuzmarskiene e Sukys (2025) mostram que a literacia digital em saúde foi forte preditora da literacia vacinal entre adolescentes, evidenciando que habilidades de

busca, avaliação e aplicação de informação on-line influenciam a tomada de decisão sobre imunização. Esse resultado dialoga com Fróes *et al.* (2025), que defendem o letramento científico e midiático como componente educacional para enfrentar as *fake news*. A convergência entre os autores sustenta que educar para vacinas, no meio digital, implica formar sujeitos capazes de interpretar evidências e não apenas receber campanhas prontas.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI) configura-se como eixo institucional que materializa as práticas educativas sobre vacinação no Brasil. O Ministério da Saúde (2023) apresenta o PNI como um dos maiores programas de imunização do mundo, responsável pela eliminação e controle de doenças imunopreveníveis, com oferta gratuita de mais de 20 imunizantes pelo SUS.

Essa trajetória institucional, porém, não suprime a necessidade de comunicação pública qualificada, já que o próprio documento reconhece desafios recentes para recuperar altas coberturas vacinais. Drumond (2025) contribui para essa leitura ao relacionar a queda da confiança às redes sociais, à desinformação e às teorias conspiratórias. A articulação entre esses documentos indica que a sustentabilidade do PNI depende tanto da infraestrutura de oferta quanto da capacidade social de enxergar a vacina como bem coletivo.

A eficácia das ações educativas requer compreender que a hesitação vacinal possui raízes sociais, políticas, culturais e comunicacionais. Drumond (2025) descreve fatores como desconfiança nas instituições, medo de eventos adversos, influência de grupos sociais, busca por informações em redes digitais e experiências negativas anteriores. Abdekhoda e Dehnad (2025) ampliam esse panorama ao afirmar que a infodemia prejudica a resposta dos sistemas de saúde, favorece a confusão pública e pode gerar desconfiança em governos, pesquisadores e profissionais.

A aproximação entre esses autores permite ver a educação em saúde como mediação entre evidência científica, experiência cotidiana e vínculo institucional, pois decisões vacinais não se formam apenas pela disponibilidade de vacinas, mas também pela confiança no sistema que as recomenda. A análise das plataformas digitais revela limites importantes das respostas pautadas exclusivamente na remoção de conteúdo. Broniatowski *et al.* (2023) mostram que páginas e grupos antivacina foram excluídos em proporção maior que espaços pró-vacina, mas o engajamento com conteúdos antivacina não caiu na mesma medida; em alguns grupos antivacina, inclusive, o engajamento superou as tendências esperadas após as políticas de moderação.

Esse achado contrasta com estratégias educativas focadas apenas na correção pontual de

boatos, pois a desinformação opera em redes de pertencimento, repetição e circulação alternativa. Massarani *et al.* (2021) reforçam essa complexidade ao vincular a infodemia a disputas sociopolíticas no debate vacinal. Assim, as competências informacionais precisam abarcar a leitura crítica dos mecanismos de visibilidade, e não só a identificação de conteúdo falso.

As competências informacionais também se constroem por meio de relações de confiança com escolas, serviços de saúde, famílias e profissionais. Motiejunaite, Kuzmarskiene e Sukys (2025) registram que adolescentes tendem a confiar mais em pais e profissionais de saúde do que em redes sociais para obter informações sobre vacinas, mesmo estando fortemente inseridos no ambiente digital.

A *World Health Organization* (2022) sustenta essa leitura ao defender que a literacia em saúde se desenvolve em práticas sociais, por canais orais, escritos, digitais e recursos comunitários. A convergência entre os documentos sugere que a escola e a atenção primária podem funcionar como espaços de tradução crítica da informação, aproximando ciência, linguagem acessível e realidade local, sem reduzir a população a receptora passiva de mensagens oficiais.

A educação em saúde dirigida ao combate da desinformação vacinal precisa levar em conta que o excesso de informação pode gerar insegurança em vez de esclarecimento. Abdekhoda e Dehnad (2025) caracterizam a infodemia como a disseminação massiva de informações verdadeiras e falsas que dificulta a resposta dos sistemas de saúde, especialmente em emergências sanitárias.

Massarani *et al.* (2021) ilustram esse processo no debate brasileiro sobre vacinas, mostrando que a superabundância informativa dificultou a identificação de fontes confiáveis e favoreceu disputas narrativas. A contribuição conjunta desses autores aponta que educar em saúde no ambiente digital não é aumentar ilimitadamente o volume de mensagens, mas qualificar caminhos de busca, critérios de avaliação e reconhecimento de fontes legitimadas pela ciência e pelo SUS.

A experiência brasileira do PNI demonstra que políticas de imunização obtêm resultados quando combinam oferta universal, capilaridade territorial e comunicação social. O Ministério da Saúde (2023) ressalta a erradicação da varíola e a eliminação da poliomielite, rubéola e síndrome da rubéola congênita como conquistas históricas atribuídas ao programa. Fróes *et al.* (2025), ao discutir *fake news* na vacinação, deslocam o debate para o presente e enfatizam que a confiança nas vacinas foi fragilizada por desinformação organizada e politizada.

O confronto temporal entre esses documentos evidencia que a infraestrutura sanitária construída ao longo de décadas precisa ser acompanhada por estratégias educativas adaptadas à dinâmica digital contemporânea, sob risco de avanços históricos serem enfraquecidos por crises de confiança. A reflexão sobre adolescentes acrescenta uma dimensão preventiva relevante, já que a formação de atitudes em saúde nessa fase pode influenciar escolhas futuras. Motiejunaite, Kuzmarskiene e Sukys (2025) encontraram níveis elevados de literacia digital em saúde e literacia vacinal, mas também destacaram a necessidade de reforçar a avaliação crítica, especialmente diante da exposição a conteúdos on-line.

Drumond (2025), em outro enfoque, demonstra que a exposição contínua a informações contraditórias pode gerar insegurança e confusão, favorecendo a hesitação. A articulação entre esses trabalhos sustenta a defesa de ações escolares de educação em saúde que trabalhem com situações reais de circulação digital, análise de postagens, checagem de fontes e diálogo sobre medo, dúvida e confiança, sem reduzir a hesitação a mera ignorância individual.

As intervenções educativas precisam considerar o desenho das plataformas, uma vez que a desinformação se beneficia de engajamento emocional, comunidades fechadas, links externos e conteúdos polarizados politicamente. Broniatowski *et al.* (2023) identificam aumento de links de baixa credibilidade e fontes polarizadas em espaços antivacina, além de rotas alternativas de circulação viabilizadas pela arquitetura do Facebook. Abdekhoda e Dehnad (2025) propõem um enfrentamento multifacetado, envolvendo literacia em saúde, educação, controle de conteúdo, comunicação, políticas restritivas, plataformas eletrônicas, campanhas e participação profissional.

A humanização das estratégias educativas surge como condição para reconstruir a confiança pública, sobretudo quando a dúvida vacinal decorre de medo, insegurança ou experiências sociais desiguais. A *World Health Organization* (2022) afirma que ambientes favoráveis devem fortalecer o conhecimento, a confiança e o conforto de indivíduos, famílias e comunidades para utilizarem informações de saúde em suas condições reais de vida.

Fróes *et al.* (2025) aproximam essa orientação do campo vacinal ao defender ações permanentes, intersetoriais e comunitárias. A junção desses aportes indica que mensagens impositivas, isoladas ou excessivamente técnicas tendem a ter menor alcance educativo, enquanto processos dialógicos, culturalmente sensíveis e sustentados por profissionais capacitados favorecem a apropriação crítica da informação e a adesão consciente à vacinação.

Quando orientada para competências informacionais, a educação em saúde deve articular

três planos complementares: a compreensão científica da vacina, a leitura crítica do ambiente digital e o fortalecimento da confiança no sistema público. O Ministério da Saúde (2023) fornece a base institucional ao posicionar o PNI como política pública universal e estruturante; Massarani *et al.* (2021) demonstram que a disputa digital sobre vacinas se intensificou em contexto de infodemia; Motiejunaite, Kuzmarskiene e Sukys (2025) evidenciam que a literacia digital em saúde se relaciona à literacia vacinal. Esses três aportes sustentam a ideia de que o enfrentamento da desinformação não pode dissociar comunicação, educação e políticas públicas, pois a decisão vacinal depende da capacidade de compreender evidências, reconhecer fontes confiáveis e perceber a imunização como responsabilidade coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão realizada possibilitou solucionar o problema de pesquisa ao evidenciar que a Educação em Saúde atua diretamente na formação de competências informacionais necessárias para enfrentar a desinformação sobre vacinas no espaço digital. Essa influência se dá porque as intervenções educativas vão além da mera transmissão de orientações sobre imunização, passando a fortalecer a capacidade crítica dos indivíduos para identificar fontes confiáveis, interpretar evidências científicas, reconhecer conteúdos enganosos e tomar decisões mais seguras relativas à vacinação.

O objetivo proposto foi atingido, visto que a análise demonstrou que a desinformação vacinal não se restringe à circulação de notícias falsas, mas abrange disputas narrativas, difusão acelerada de conteúdos, o papel das plataformas digitais, insegurança social e a erosão da confiança pública. Nesse panorama, a alfabetização digital em saúde, o letramento científico e o letramento midiático configuram-se como pilares essenciais para ampliar a autonomia das pessoas diante do excesso informacional presente em redes sociais, aplicativos de mensagens e outros ambientes virtuais.

Os achados consolidados sugerem que a Educação em Saúde deve ser percebida como uma estratégia contínua, dialógica e intersetorial, capaz de conectar ciência, serviços de saúde, escolas, famílias e comunidades. Formar competências informacionais requer preparar os sujeitos para buscar, comparar, avaliar e utilizar informações sobre vacinas de modo responsável, sobretudo em contextos marcados por medo, dúvidas e baixa confiança nas instituições. Dessa forma, combater a desinformação depende tanto da melhoria das mensagens públicas quanto da

formação crítica de quem as recebe e as compartilha.

A contribuição acadêmica deste estudo reside na integração entre Educação em Saúde, competências informacionais, alfabetização digital em saúde e políticas públicas de imunização, evidenciando que a proteção coletiva não se baseia apenas na disponibilidade de vacinas, mas também na capacidade social de apreender sua importância. Ao articular comunicação digital, confiança pública e práticas educativas, o trabalho ressalta a necessidade de estratégias que fortaleçam o Programa Nacional de Imunizações e promovam a participação consciente da população nas decisões em saúde.

Como limitações, aponta-se o caráter integrador da revisão, fundamentada em documentos selecionados e em produções disponíveis nas bases consultadas, sem a realização de pesquisa de campo ou avaliação direta de intervenções educativas. A heterogeneidade dos estudos incluídos também dificultou comparações mais detalhadas entre contextos, públicos e estratégias de enfrentamento da desinformação. Recomenda-se que investigações futuras conduzam estudos empíricos sobre ações educativas em escolas, unidades de saúde e ambientes digitais, avaliando seus efeitos na literacia vacinal, na confiança pública e na adesão às vacinas.

REFERÊNCIAS

ABDEKHODA, Mohammadhiwa; DEHNAD, Afsaneh. Strategies to combat infodemics in public health. **Eastern Mediterranean Health Journal**, v. 31, n. 5, p. 340-349, 2025. DOI: <https://doi.org/10.26719/2025.31.5.340>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40552605/>

ASHFIELD, Sarah *et al.* Digital health literacy, vaccine information sources, and vaccine acceptance among parents in Ontario: quantitative findings from a mixed methods study. **PLOS Global Public Health**, v. 4, n. 5, e0003154, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pgph.0003154>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38758822/>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Imunizações: 50 anos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023. Disponível no documento institucional do Ministério da Saúde.

BRONIATOWSKI, David A *et al.* The efficacy of Facebook's vaccine misinformation policies and architecture during the COVID-19 pandemic. **Science Advances**, v. 9, n. 37, eadh2132, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1126/sciadv.adh2132>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11044214/>

DIB, Fadia *et al.* Online mis/disinformation and vaccine hesitancy in the era of COVID-19: why we need an eHealth literacy revolution. **Human Vaccines & Immunotherapeutics**, v. 18, n. 1, p. 1-3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/21645515.2021.1874218>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33625960/>

DRUMOND, Amanda Macena. A influência das mídias sociais na hesitação vacinal e o papel da educação em saúde no combate à desinformação: uma revisão narrativa da literatura. 2025. 43 f. **Monografia (Graduação em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/26420>

FRÓES, Eloísa Helena Figueira *et al.* Fake News na vacinação: estratégias educativas no enfrentamento da desinformação em saúde. **Periódicos Brasil: Pesquisa Científica**, Macapá, v. 4, n. 2, p. 2329-2344, 2026. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-9432.2025v4n2p2329-2344>. Disponível em: <https://periodicosbrasil.emnuvens.com.br/revista/article/view/891>

GARETT, Renee; YOUNG, Sean D. Online misinformation and vaccine hesitancy. **Translational Behavioral Medicine**, v. 11, n. 12, p. 2194-2199, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1093/tbm/ibab128>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34529080/>

MASSARANI, Luisa Medeiros *et al.* Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, e5689, maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5689>. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/handle/iciict/51878>

MOTIEJUNAITE, Kristina; KUZMARSKIENE, Gerda; SUKYS, Saulius. Digital Health Literacy of Adolescents and Its Association with Vaccination Literacy: The First Evidence from Lithuania. **Epidemiologia**, Basel, v. 6, n. 4, art. 73, 2025. DOI: <https://doi.org/10.3390/epidemiologia6040073>

MACDONALD, Noni E.; DUBÉ, Eve. Promoting immunization resiliency in the digital information age. **Canada Communicable Disease Report**, v. 46, n. 1, p. 20-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14745/ccdr.v46i01a04>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31930213/>

NASCIMENTO, Israel Júnior Borges do *et al.* Infodemics and health misinformation: a systematic review of reviews. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 100, n. 9, p. 544-561, 2022. DOI: <https://doi.org/10.2471/BLT.21.287654>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9421549/>

NAZARI, Abouzar *et al.* The correlation among COVID-19 vaccine acceptance, the ability to detect fake news, and e-health literacy. **Health Literacy Research and Practice**, v. 7, n. 3, p. e130-e138, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3928/24748307-20230621-01>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37463291/>

WHO, World Health Organization. **Health literacy development for the prevention and control of noncommunicable diseases: Volume 2: A globally relevant perspective**. Geneva: World Health Organization, 2022. ISBN 978-92-4-005535-3. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240055353>